

GÊNEROS TEXTUAIS E ORALIDADE: A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS DA ORALIDADE E ESCUTA NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA

Débora Delgado Nogueira
contato.deborad@yahoo.com.br

Flaviane Gonçalves Corrêa
flavianegcorrea@gmail.com

Luiz Rogério do Nascimento Ramos
luizramos92@gmail.com

Graduandos do curso de Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar o tema “gêneros textuais e oralidade: produção oral e escuta”, fazendo uma reflexão acerca da oralidade no ensino da língua materna em sala de aula, e como o processo de aquisição da língua e da escrita se dão concomitantemente com o próprio processo de socialização (MARCUSCHI, 1996). Em seguida, traz de forma sistemática e expositiva como a oralidade e a escuta vem sendo abordadas pelos professores, no que diz respeito à língua materna na escola pública brasileira da atualidade e quais são as contribuições das políticas públicas nesse processo de formação crítica dos alunos brasileiros.

Palavras-chave: oralidade, língua portuguesa, gêneros textuais.

Introdução

A língua se manifesta e funciona em dois modos fundamentais: como atividade oral e como atividade escrita. Nas últimas décadas, tem se tentado diminuir a distância tradicionalmente imposta entre a oralidade e a escrita, pois trabalhamos diariamente com a oralidade, tanto em situações informais, quanto em situações formais. Quando tratamos da fala ou da escrita, lidamos com aspectos relativos à organização linguística. Já quando falamos em oralidade e letramento, referimo-nos às práticas sociais ou práticas discursivas nas duas modalidades (cf. MARCUSCHI, 1996).

A oralidade é um modo de desenvolver a criatividade e a argumentação do aluno, de modo que ele possa aprender a expressar suas ideias por meio de críticas construtivas e propostas, é uma forma de participar do discurso. Não obstante, quando indagado aos professores, durante as observações nas escolas, qual tem sido o espaço das práticas de oralidade na escola, estes aparentemente encaram como

uma pergunta estranha, o que não deveria ocorrer, pois a escola deveria ser um lugar propício para as práticas que envolvem a expressão oral.

Podemos observar que, no discurso oral, encontra-se envolvida a produção e o aprendizado monitorado. Porém, nas aulas de língua materna e demais disciplinas, a oralidade ainda tem pouco espaço e seu ensino é pouco sistematizado, com raras exceções de trabalhos voltados ao cunho expressivo e artístico. Encontramos a prática oral de forma limitada nas escolas e também nos livros didáticos, pois ela é considerada, na maioria das vezes, inferior à escrita. Assim sendo, quando perguntado aos professores como trabalham a oralidade, muitos respondem que fazem perguntas para que os alunos respondam oralmente e pedem para que eles leiam trechos de textos trabalhados e suas questões. Estes professores se limitam apenas a essas práticas, deixando de lado os gêneros tão importantes, como por exemplo: o debate, o seminário, a entrevista, o relatório e a exposição oral.

O aluno não recebe, ou recebe pouca, orientação formal sobre como falar publicamente, como planejar sua fala antes, quando necessário uma apresentação de um trabalho acadêmico aos colegas ou um pedido oral ao diretor da escola. Muitas vezes, acontece também de o aluno não saber ouvir, não ter paciência para esperar sua vez de falar, de não saber como pedir a palavra de forma sutil ou como fazer a troca de turno, atitudes estas que envolvem a produção e a recepção do discurso oral, as quais deveriam ser trabalhadas cotidianamente e com cautela pelo professor da língua materna, afinal, ele é capaz de incentivar o aluno a adquirir tais práticas.

O tema deste artigo foi observado e analisado com anotações e algumas entrevistas pelos graduandos nas disciplinas Saberes Escolares da Língua Portuguesa e Prática Escolar da Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Juiz de Fora, durante quatro meses em três escolas: a Escola Estadual A. P. D e o Instituto P. E. , ambas localizadas no município de Lima Duarte (MG), e a Escola Estadual D. A., de Juiz de Fora (MG).

Os objetivos deste artigo são observar e analisar como são as práticas da oralidade e escuta nas escolas, se elas atendem às expectativas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e como elas têm sido trabalhadas nas instituições observadas. Contribuiremos com algumas sugestões de como resolver os problemas encontrados.

Apresentação das escolas

Apresentaremos as escolas onde foram realizadas as práticas e como podemos traçar uma comparação entre as diferentes realidades que encontramos, de duas escolas da rede pública estadual de cidades diferentes e uma da rede particular de uma cidade considerada pequena.

A Escola Estadual D. A.

A escola é situada na zona Sudeste da cidade de Juiz de Fora, MG. No período manhã são oferecidas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, no período da tarde do 1º ano do Ensino Fundamental ao 7º ano do Ensino Fundamental, no período da noite, há as turmas da EJA.

A prática foi realizada somente no período da tarde. Foram observadas duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental e uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental nos dias de terça-feira e sexta-feira, com a professora de Língua Portuguesa F. M.

Em termos de estrutura, a escola passou por uma reforma recente, porém foram consertados somente os agravantes, como exemplo: a reforma dos banheiros e a colocação de portas em algumas salas. Também foi realizada uma pintura (superficial) na escola.

Nas salas de aula observadas, há em média 25 alunos; entretanto, todos os dias faltam aproximadamente cinco a sete alunos. As carteiras estão precárias, rabiscadas e algumas quebradas, outras com lascas de madeira, incomodando os estudantes. As janelas estão em tempo de cair e com quase todos os vidros quebrados.

A hora do recreio é caótica, acontecem pequenas discussões, corre-corre e muita gritaria, sem nenhum monitoramento.

A relação professor-aluno é aparentemente tranquila, é visível que a professora está desmotivada, porém ela não permite que isso afete sua relação com os alunos e com o conteúdo planejado. Alguns alunos veem a docente como alguém sem

importância, alguém que só quer passar exercícios e recriminá-los. Felizmente a maioria tem uma relação muito boa com ela, pelo menos tratando-a com respeito e cordialidade, o mínimo esperado.

A Escola Estadual A. P. D.

A escola é situada na zona central do município de Lima Duarte, MG. É uma escola grande, com salas espaçosas que comportam de 30 a 40 alunos em média. Os quadros e as carteiras estão em bom estado, pois a escola passou por uma reforma recente. Contudo, as paredes das salas já estão em péssimo estado, com o reboco arrancado e muita coisa escrita. Fora das salas, as paredes estão um com um tom de descontração, pois está sendo realizado, pela professora de artes, um trabalho com os alunos, no qual eles fazem desenhos e pintam as paredes durante as aulas. Os desenhos são bonitos e deixam o ambiente bem mais descontraído e confortável, saindo do modelo tradicional de uma escola que comporta ensino fundamental e médio (que costuma ser de paredes mais neutras).

A escola possui um pátio grande e alguns bancos e mesas de concreto. Onde ficam localizadas as quatro salas construídas recentemente existe um jardim. A biblioteca é do tamanho de uma sala de aula e possui ótimos livros, que vão de revistas em quadrinhos até livros sobre educação.

Quanto ao uso de tecnologias, a escola possui um laboratório de informática com acesso à internet, mas que costuma ficar fechado durante a maior parte do tempo. Alguns professores têm o costume de usar o *datashow* em suas aulas, mas pela dificuldade e falta de tempo de organizar tudo, optam por fazê-lo poucas vezes.

Três professoras foram acompanhadas – uma efetiva, uma contratada e uma substituta – todas as terças-feiras e em algumas quartas-feiras, pela manhã. A observação foi feita em várias turmas, entre elas uma do 7º ano, uma do 8º ano e outra do 9º ano do fundamental (que eram turmas mais compostas por alunos de zona rural ou que trabalhavam) e algumas de 1º ao 3º ano do ensino médio. A maioria das turmas era agitada e poucos alunos aparentavam ser mais interessados no estudo. A relação entre os alunos e os professores variava muito. Algumas turmas gostavam dos professores e das aulas, outras não; e o respeito também variava. Por

serem classes muito heterogêneas, é difícil generalizar e falar que eles tinham um único comportamento, pois foram presenciados alguns casos de desrespeito de alguns alunos para com as professoras e casos em que vários alunos respeitavam plenamente as docentes e os colegas.

Durante as trocas de professores e o recreio, era difícil controlar os estudantes, pois estes saíam das salas e demoravam a voltar, fazendo com que o diretor e seus vices tivessem o trabalho de levar cada um para sua devida sala.

O Instituto P.E.

O instituto é localizado também na zona central da cidade de Lima Duarte (MG). É uma escola particular que adota um sistema de apostilas da rede Pitágoras. Em termos de estrutura, o Instituto é bem localizado, com salas amplas (em relação ao número de alunos) e é arejado, ainda contando com internet, sala de informática, tendo também uma pequena biblioteca.

Foram observadas as aulas da professora T.F. (de Português e Literatura) nas turmas de sétimo ano do ensino fundamental e terceiro ano do ensino médio. As turmas são pequenas, tendo a primeira sete alunos e a segunda, doze. O ambiente é bom, tranquilo e acolhedor, as classes são disciplinadas, e com um senso natural de dever e respeito. Os jovens são preparados para o vestibular com simulados do PISM da UFJF e do ENEM.

Ainda no âmbito da sociabilidade, há uma boa relação entre professores e alunos. Por falar em alunos, seu reduzido número em todas as salas facilita a fluidez do ensino e o comando do professor.

Gêneros textuais e oralidade: produção oral e escuta

É de grande responsabilidade da escola desenvolver habilidades linguísticas comunicativas em seus alunos, pois este é um recurso fundamental para que os discentes sejam cidadãos com êxito em suas ações sociais, principalmente em contextos urbanos e profissionais. Segundo Irandé Antunes (p. 11, 2014), aquilo que se explora ou se deixa de explorar no ensino da língua materna “podem ser coisas

decisivas para que as pessoas possam responder com êxito as diferentes demandas político-sociais, sobretudo aquelas que exigem o domínio de capacidades comunicativas, orais e escritas, em textos mais longos e mais complexos.”

O ensino da disciplina Língua Portuguesa é muito importante na escola, pois com ele, o aluno poderá aprender a variedade linguística da língua materna e com a oralidade poderá aprender a se comportar de diversas formas e em diversos ambientes, adequando, assim, sua linguagem e seu comportamento ao meio em que está inserido.

Nos anos 1980, foram propostos vários estudos com uma nova visão das relações entre fala e escrita. Para alguns, a humanidade haveria de se dividir em duas partes: antes e depois da invenção da escrita.

Contudo, nos dias atuais o cenário é outro, fala e escrita mantêm relações muito mais próximas. São mais estudadas as semelhanças do que as diferenças entre ambas. Mesmo assim, não podemos dizer que a escrita é uma representação da fala.

Até pouco tempo, o que se estudava, nas aulas de Língua Portuguesa, era gramática, esta com aquele perfil de conjunto de regras a ser adquiridas pelos alunos ao longo dos anos. Os exemplos do “bem falar” eram extraídos de textos clássicos já antigos, uma língua que não se usava mais daquela forma descrita. A partir dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) o ensino de língua materna tem trazido para sala de aula novas teorias linguísticas para se pensar a língua e sua aplicação no ensino. Assim, abre-se um espaço maior para a oralidade, que antes era vista como algo que acontecia de forma espontânea, por isso não carecia de ser trabalhada no ambiente escolar. Tendo por base uma abordagem bimodal entre oralidade e escrita, a escola vem reconhecendo a importância de ambas e trabalhando de forma sistemática para aproximá-las nas multimodalidades.

Segundo o sociolinguista inglês Michael Stubbs (1986, p. 142), o termo oralidade é usado para “referir habilidades na língua falada”. Compreende tanto a produção (a fala como tal) quanto a audição (a compreensão da fala ouvida). Não se ensina a fala no mesmo sentido em que se ensina a escrita, pois a fala é adquirida espontaneamente no contexto familiar, e a escrita é geralmente apreendida em contexto formais de ensino. A escola pode ensinar certos usos da oralidade, como, por exemplo, a melhor maneira de se desempenhar em público, num microfone, numa conferência, etc. (MARCUSCHI & DIONÍSIO, 2007, p. 33).

O estudante chega à escola com sua linguagem materna, adquirida em seu contexto familiar e com as pessoas das quais se relaciona diariamente. Quando a oralidade é explorada em sala de aula, o aluno desenvolve competências para se expressar melhor durante sua comunicação.

A oralidade está presente em todos os momentos de nossas vidas, em todas as classes sociais, portanto é tão importante. Deste modo, sabemos que há ocasiões nas quais precisamos nos adequar para que possa existir um bom desenvolvimento da comunicação, precisamos saber argumentar e expor ideias, defender pontos de vista e até mesmo expressar ou esconder sentimentos. E quanto mais práticas orais o indivíduo participar, mais possibilidades de sucesso em suas interações ele poderá ter.

O professor de Língua Portuguesa necessita inovar seus métodos de ensino e buscar várias formas de trabalhar com a oralidade, de modo que o aluno tenha capacidade de se comunicar cada vez melhor, o que de certa forma, também será desenvolvido na escrita em conjunto, afinal, as pessoas precisam tanto da fala quando da escrita para desenvolver boas atividades comunicativas ao longo de suas vidas. “A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia” (MARCUSCHI, 2001, p. 36).

É na escola que o discente vai aprender a dominar sua língua-materna. E para isso, o docente deve usar várias práticas que possam ajudar o aluno a melhorar sua capacidade comunicativa. Segundo os PCN (2001, p. 67- 68):

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatórios de experiências, entrevistas, debate etc.) e, também, os gêneros de vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.).

Através da leitura, o aluno aprenderá mais conteúdo e, através da escrita, a como colocar esse conteúdo e suas opiniões em prática, mas através da oralidade isso será feito sem uma correção posterior, diferentemente da escrita, então este aluno deverá dominar o tema que quer expor através da leitura diferente daquela

obrigatória na escola. Nos dias atuais temos essa facilidade em encontrar novas informações, através da internet, livros, revistas, etc. E tudo isso pode contribuir para a formação linguística comunicativa do estudante. "O professor deve permitir que também os alunos escolham leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás" (BRASIL, 2001, p.72).

O docente deve articular a leitura, a escrita e a oralidade de modo que uma complemente a outra e conseqüentemente o domínio do aluno será amplo em todas as áreas. Num trabalho com seminário, por exemplo, o aluno será levado a fazer uma pesquisa sobre o tema, que o fará desenvolver a leitura; depois deverá escrever seu trabalho para este ser entregue ao professor, assim treinará sua exposição e defesa de ideias; e por último, na apresentação de seminário, o estudante poderá mostrar o que sabe a toda turma, de forma que serão desenvolvidos, neste processo, sua capacidade de falar em público, sua linguagem – que deverá ser monitorada –, e sua competência de mostrar e articular suas opiniões.

O modo de comunicação oral carece ser mais valorizado, pois está presente em nosso cotidiano e em inúmeras situações decisivas em nossa vida. Assim, um modo limitado de trabalho com a oralidade pode fazer com que o estudante não imagine o quão ampla é a dimensão comunicativa da linguagem oral, que tem por finalidade ser um instrumento de interação social. O aluno precisa se conscientizar de qual circunstância comunicativa ele se encontra, para que possa se adaptar ao contexto, afinal, na oralidade existe a adequação de ambientes e não um conceito de "certo/errado" como na escrita. Em vista disso, a escola deve ensinar a variedade de gêneros orais, começando com os informais (aos anos iniciais) para se aproximar da realidade do aluno e fazer com que suas aptidões comunicativas comecem a se desenvolver melhor, depois deve partir para os gêneros mais formais; e ensinar, por exemplo, que o aluno não deve usar uma linguagem informal em uma situação formal, como em uma entrevista de emprego. O educador deve trabalhar a oralidade de modo que o aluno possa vivenciar momentos reais de produção oral e escuta.

Caso o discente tenha uma vivência defasada em práticas orais, no futuro, ele poderá se tornar um indivíduo isolado da sociedade por não saber se expressar. Logo, o educador deverá buscar diferentes métodos de trabalho com a comunicação de seus

alunos, partindo desde jogos, trabalhos usando música, diálogos comuns, até a exposição de ideias, os seminários, os debates, as entrevistas, os discursos, entre vários outros gêneros para que eles possam se tornar indivíduos capazes de expor e defender suas ideias.

Com a exposição de seu ponto de vista, o aluno desenvolverá seu senso crítico, e é imprescindível que o professor aproveite dessas situações para observar e corrigir – com moderação e de modo a não constrangê-lo – a linguagem e a capacidade comunicativa do discente.

Relato das observações obtidas nas escolas

Faremos uma comparação das três escolas observadas para a pesquisa sobre o tema do artigo. A realidade que encontramos é diferente do que a teoria propõe e não tivemos a oportunidade de analisar muitas práticas orais.

A Escola Estadual D. A.

A professora que fora observada, de Língua Portuguesa, F. M., está profundamente desmotivada, como já dito anteriormente. Ela segue o livro didático e costuma levar atividades extras para os alunos. Estes são bastante indisciplinados e sem nenhum interesse, salvo algumas raras exceções.

Durante a observação da prática da disciplina Saberes Escolares de Língua Portuguesa na escola já citada, infelizmente não fora observado o trabalho com gêneros textuais orais. Conforme o informado pela professora, o tema seria abordado mais ao final do ano letivo. Algo possível de ser observado foi a elaboração de respostas, por parte dos alunos, a exercícios sugeridos pela professora.

Acreditamos que uma coisa pode influenciar a outra. Alunos desinteressados, professora desmotivada, coordenadora e diretora sem saber direito o que fazer e escola precária; tudo isso forma um ambiente onde todos querem somente que a hora passe o mais depressa possível, para finalmente acabar e irem para suas casas.

Com isso, mais uma vez vemos que as políticas públicas desenvolvidas para as escolas públicas do Ensino Fundamental, na prática nem sempre funcionam como os governantes pensaram que iam funcionar.

A Escola Estadual A.P.D.

Todas as três professoras observadas, mesmo com idades distintas e de diferentes épocas de formação, usavam praticamente o mesmo método. Na maioria do tempo, eram propostos exercícios do livro didático e quase não se trabalhava a oralidade. Esta foi trabalhada em forma de leitura de textos, e algumas perguntas orais da professora aos alunos que se voluntariassem a responder.

Os gêneros textuais escritos eram bem trabalhados, mas os gêneros orais, que era o foco de nossa pesquisa, eram deixados de lado. Em relação à oralidade, pôde-se observar a apresentação de um trabalho de literatura em uma turma de 3º ano do ensino médio. A professora F.C. dividiu a sala em cinco grupos de cinco ou seis alunos, e propôs uma atividade para que estes realizassem uma pesquisa sobre a biografia e obra de um autor modernista, escolher um texto (poema) e fizessem uma análise do mesmo enfocando suas características de acordo com a época literária. A avaliação do trabalho se deu pela parte escrita, que deveria ser entregue à professora e principalmente pela apresentação oral a toda turma. Para orientar os alunos, a professora sugeriu que usassem a criatividade nas apresentações, como o uso de vídeos, cartazes, xerox, ou apresentação dos livros do autor.

As apresentações foram razoáveis, pois alguns alunos apenas leram o que foi preparado, outros não montaram sua parte, alguns até se recusaram a apresentar, e um dos grupos não fez e nem apresentou o trabalho. Quanto à criatividade, usaram vídeos da internet, mas foi pouco explorado o conteúdo dos mesmos. Um grupo apresentou um livro do autor e dois grupos utilizaram cartaz para apresentar a turma o poema escolhido e analisado. Houve um grupo que chamou atenção da professora pela criatividade. A autora pesquisada foi Cecília Meireles. Neste trabalho, uma aluna se vestiu de Cecília Meireles e eles criaram um programa intitulado "Momento literário", que se desenvolveu como uma entrevista, na qual abordaram a biografia da autora. Logo após, outros dois alunos declamaram o poema chamado "A bailarina"

e um terceiro aluno fez comentários sobre o texto e suas características. A professora acredita que os alunos poderiam ter explorado mais a ideia que tiveram, porém mesmo assim considerou muito interessante.

Segundo a educadora, esse foi o primeiro trabalho de pesquisa que teria que ser apresentado pelos discentes, então ela o considerou um bom começo. A docente espera que o próximo trabalho seja melhor e disse que vai contribuir para isso através de sugestões, afinal, ela reconhece que este é seu papel.

Após as apresentações, a professora F.C. pediu um retorno dos alunos sobre o que pensavam sobre esse tipo de atividade. Uma estudante acredita que trabalhos assim ajudam no crescimento deles, no sentido de aprenderem a fazer uma pesquisa para que aprendam mais com isso do que estudando para provas, e no sentido de perderem a timidez ao falar em público. Já outra estudante, pensa que além de aprender mais com isso, eles precisam ter conhecimento não apenas da parte que vão apresentar, como a parte do outro colega, pois caso haja algum imprevisto, o trabalho não será apresentado sem partes importantes – como ocorreu em um dos grupos, onde um integrante faltou e os colegas não sabiam o que dizer – e comentou ainda, que atividades em grupo os ajudam a desenvolver o trabalho em equipe e promovem uma melhor socialização entre os alunos da mesma classe, que por serem turmas grandes, alguns não são amigos ou não tem o costume de realizar atividades juntos, e tendo como consequência a aproximação dos mesmos e a mudança da visão que um colega possui do outro.

Instituto P. E.

Durante a observação, foi percebida claramente a prática da oralidade, primeiramente na turma do sétimo ano, onde foi passado o livro “Os Miseráveis” para uma discussão geral sobre o mesmo, também foram utilizados vídeos e um filme. Porém, o ponto alto da observação deu-se no terceiro ano, onde houve uma aula voltada para a prática oral, com um debate sobre “o que dizer em cada situação”. Foram discutidas palavras utilizadas no dia a dia e a observação da necessidade de adequação e de um contexto geral para o quê, quando e onde algo pode e/ou deve ser dito.

Ao decorrer de cada semana, acontecia uma evolução no raciocínio crítico e na capacidade de compreensão de cada um. Aparentemente, os mais novos, da turma do sétimo ano do Ensino Fundamental apresentavam uma margem mais ampla de evolução crítica em relação aos jovens das turmas mais avançadas. Tudo isso nos leva a crer que é evidente que a prática da oralidade desperta o interesse pela discussão de várias questões.

Em uma das conversas com a professora, nos deparamos com a questão, "até que ponto a escola foi o diferencial que possibilitou a esses alunos a compreensão crítica/analítica acima da média ou os alunos acima da média foram capazes de evoluir através de um uso constante dos métodos?" Podemos apenas imaginar que a própria capacidade dos alunos foi despertada por uma abordagem metodológica que lhes exigia uma constante reflexão oral da língua.

Considerações finais

Neste artigo, objetivamos analisar o trabalho realizado com a oralidade nas três escolas já citadas, e como resultado, encontramos pouca motivação e criatividade da parte dos professores para este trabalho. Observamos que ainda existe uma discrepância entre o ensino dos gêneros escritos e dos gêneros orais e de como são tratados no meio escolar. Contudo, comparando com a fundamentação teórica, constatamos o quanto é importante o trabalho com a oralidade na escola para que o aluno desenvolva uma boa comunicação e capacidade de defender e expor seus pontos de vista de modo claro e coeso durante as várias situações ao longo de sua vida.

Infelizmente, percebemos que principalmente no Ensino Médio, as aulas são mais voltadas para as práticas escritas, pelo fato de que os alunos farão provas como ENEM e vestibulares com meta de ingressar em uma faculdade – mais uma vez encontramos apenas a valorização da escrita, que é apresentada como a forma culta, correta e aceitável da língua. E assim, as práticas orais, tão importantes, são deixadas de lado e tachadas como formas incorretas e inferiores por parte das escolas.

Pudemos constatar através da observação na Escola Estadual A.P.D., que os próprios alunos gostam de atividades que envolvam a oralidade e muitos se

empenham nisso. Isso nos leva a crer que o que falta é oportunidade, o aluno precisa ter vez e voz. Os professores não devem desanimar e sim abusarem de sua criatividade para fazer atividades diferentes que levem a práticas orais dos alunos, pois é de extrema importância que os docentes procurem dar mais espaço aos alunos e busquem conhecer melhor cada turma. Alguns são muito curiosos e durante as conversas nas aulas, podem surgir temas por parte dos próprios alunos, que se o docente se atentar, poderá aproveitar desse interesse para fazer um planejamento de trabalho com a fala e escuta, como criar um debate, uma sessão reflexiva ou propor um trabalho com eles sobre o tema, que tem muita probabilidade de dar bons resultados, já que os estudantes costumam gostar de inovações.

É indispensável que a escola propicie boas condições aos alunos para a realização da aprendizagem dos gêneros orais. Esta dará bons frutos se o estudante for motivado a participar de um determinado trabalho, motivação esta que só existirá caso o docente tenha boas estratégias de ensino para a prática da oralidade. E que sejam abordagens não escolares também, para que o aluno vivencie as situações de oralidade e variação linguística, que haja a inclusão do seu modo de falar natural, autoconhecimento, trabalhos em grupo (pois a oralidade nunca é individual) e não acredite que os gêneros orais estão presentes apenas em âmbito escolar, praticando sua cidadania e interação, podendo, assim, levar esse aprendizado para fora da sala de aula, levá-lo para sua vida, para que possa se comunicar com êxito em situações formais e informais, sabendo fazer essa distinção, e sem preconceitos linguísticos.

Referências

ANTUNES, I. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola, 2014.

BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª Série) Língua Portuguesa**- 2ª impressão, 2001.

MARCUSCHI, L.A & DIONISIO, A.P. **Fala e escrita**. Recife: UFPE/CEEL, 2007.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **A língua falada e o ensino de Português**. Depto de Letras, 1996.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Secretaria de Educação. **Proposta Curricular: Língua Portuguesa.** Juiz de Fora. 2012.